



# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS INTERCORRÊNCIAS - O DISLÉXICO ENQUANTO APRENDENTE E O PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR

MARIÑO, Priscila Cassol.  
Pedagoga; Especialista  
em Psicopedagogia  
Institucional.  
(SINERGIA).  
marino\_cp@hotmail.com

OLÍVEIRA, Silvana  
Tomazoni de.  
Bióloga; Mestre em  
Neurociência. Professora  
da Faculdade Sinergia.  
(SINERGIA).  
Coautora.  
silvanatomazoni@yahoo.com.  
br  
<http://lattes.cnpq.br/9733989728799073>

FRAINER, Viviane.  
Pedagoga; Especialista  
em Supervisão Escolar e  
em Orientação Escolar.  
(SINERGIA).  
Coautora.  
vivianefrainer@hotmail.com  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4315019P3>

MARIÑO, Priscila Cassol;  
OLIVEIRA, Silvana Tomazoni de;  
FRAINER, Viviane. O processo  
de alfabetização e suas  
intercorrências – O dislético  
enquanto aprendente e o  
professor enquanto mediador.  
**REFS – Revista Eletrônica da  
Faculdade Sinergia,**  
Navegantes, v.11, n.17, p. 20-31,  
jan./jun. 2020.

## RESUMO

O presente artigo se propõe a discutir e analisar a dislexia no processo de alfabetização, sendo este um dos distúrbios de aprendizagem mais comum em sala de aula, e com prevalência de aproximadamente 2 a 8% em crianças regularmente matriculadas no ensino fundamental. Avaliar o processo de alfabetização, juntamente com as dificuldades que podem estar presentes e os transtornos de aprendizagem, é atender a uma demanda cada vez mais crescente nas instituições de ensino que, ainda, se encontram despreparadas para lidar com esse tema. Assim, para melhor compreender o contexto da dislexia, tem-se por objetivo identificar como a dislexia se constitui no ser humano, seus reflexos, consequências e implicações no desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com base em livros, revistas e periódicos da área da educação, bem como da saúde, fundamentada nos autores: Cândido (2013), Figueira (2012), Fonseca (2011), Marsili (2010), Moura (2013), Teles (2004), na Associação Brasileira de Dislexia, bem como no Manual de Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM – IV, 1995), que nos mostram que a dislexia não significa que o indivíduo possui incapacidade intelectual, mas sim cognitiva, ou seja, seu aprendizado é mais lento, pois ele encontra dificuldades em relação à leitura, à escrita e para interpretação destes códigos. A dislexia não deve ser encarada com um transtorno e o psicopedagogo, assim como os demais responsáveis com a aprendizagem do aluno, têm papel fundamental no processo de sua aprendizagem. Todos os esforços devem estar voltados para que o aluno não seja discriminado, rotulado, evitando, desta forma, o desencadeamento de insegurança, baixa autoestima, culpa, desmotivação, etc., e sinta-se parte integrante da sociedade.

**Palavras-chave:** Dislexia. Alfabetização. Aprendizagem e dislexia. Distúrbio de aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

A dislexia é considerada, segundo a Associação Brasileira de Dislexia, um transtorno específico de aprendizagem com origem neurobiológica, representada por dificuldades de recolher as palavras de forma precisa e fluente e também na destreza e decodificação das letras e na soletração, derivando, como consequência, deficiência no componente fonológico da linguagem, incomum a determinadas idades, assim como em relação a outras capacidades cognitivas. Todavia, não é caracterizada como uma doença, mas sim como um distúrbio genético, sendo assim, a criança que a apresenta não deve ser rotulada como incapaz ou como malandra.

Em tal caso específico, o que ocorre é uma desordem no processo das informações, fazendo com que seu entendimento em relação aos conteúdos ensinados sejam dificultados, pois não relaciona o símbolo gráfico e as letras ao som que eles correspondem.

Para melhor compreender o contexto da dislexia, propõem-se através deste artigo, identificar como a dislexia se constitui no ser humano, seus reflexos, consequências e implicações no desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita. Para tanto, elencou-se como objetivos específicos: a) Definir o que é dislexia; b) Conhecer as causas e as consequências da dislexia para a aprendizagem; c) Demonstrar como a dislexia pode ser identificada pelos professores em sala de aula; d) Verificar a ação do professor como mediador no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno disléxico, bem como dos demais profissionais ligados à educação. Hoje, no processo de alfabetização, a dislexia é um dos distúrbios mais comuns em sala de aula, e com prevalência de aproximadamente 2 a 8%

em crianças regularmente matriculadas no ensino fundamental.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com base em livros, revistas e periódicos da área da educação, bem como da saúde, fundamentada nos autores: Cândido (2013), Figueira (2012), Fonseca (2011), Marsili (2010), Moura (2013), Teles (2004), na Associação Brasileira de Dislexia, bem como no Manual de Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM – IV), que nos mostram que a dislexia não significa que o indivíduo possui incapacidade intelectual, mas sim cognitiva, ou seja, seu aprendizado é mais lento, pois ele encontra dificuldades em relação à leitura, à escrita e para interpretação destes códigos. Desta forma, é de extrema importância um diagnóstico precoce para que haja intervenção, principalmente de especialistas, como o psicopedagogo, mas, independente do profissional que irá lidar com esse aluno, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais, estudo constante, atualização sobre as constantes evoluções a respeito do tema, dedicação e muita competência, bem como domínio sobre teorias de aprendizagem, além de conhecimento a respeito do histórico familiar do educando, ponto primordial na tentativa da resolução do problema e melhora do rendimento escolar.

A dislexia não deve ser encarada como um transtorno e o psicopedagogo, assim como os demais corresponsáveis com a aprendizagem do aluno, têm papel fundamental no processo de sua aprendizagem. Todos os esforços devem estar voltados para que o aluno não seja discriminado, rotulado, evitando, desta forma, o desencadeamento de insegurança, baixa autoestima, culpa, desmotivação, etc., e sinta-se parte integrante da sociedade.

## 1 COMPREENDENDO A DISLEXIA

Os distúrbios específicos de aprendizagem são aqueles relacionados às incapacidades escolares de crianças que

tenham iniciado na aprendizagem formal da leitura, da escrita e do raciocínio lógico matemático, e estão relacionados a uma falha

no processo de aquisição e desenvolvimento dessas atividades. A esta perturbação na aprendizagem dos símbolos gráficos e fonemas, bem como na decodificação destes signos verbais dá-se o nome dislexia.

Dislexia é um distúrbio de aprendizagem em que a pessoa afetada encontrará dificuldades para a leitura, escrita e interpretação destes códigos.

Neste sentido, Cândido (2013, p. 13) afirma que:

[...] dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades em ler, interpretar e escrever. Sua causa tem sido pesquisada e várias teorias tentam explicar o porquê da dislexia. Há uma forte tendência que relaciona a origem à genética e a neurobiologia.

Segundo Porto (2009), a dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da linguagem em leitura, soletração, escrita; em linguagem expressiva ou receptiva. Não é considerada uma doença, mas sim uma disfunção nas vias cerebrais relacionadas ao processo de consciência fonológica; não tem cura, mas pode ter seus sintomas amenizados.

De acordo com Paín (1985), a dislexia ocorre em várias classes sociais e em pessoas com níveis de inteligência variáveis, desde as que não conseguem ler e escrever até as que conseguem atingir o ensino superior. Os disléxicos, em sua grande maioria, demonstram insegurança e baixa autoestima, sentem-se tristes e culpados. Eles se recusam a realizar as atividades, pois têm medo do fracasso e assim, criam um vínculo negativo com a escola, com os professores, com os colegas e com a aprendizagem.

O conceito usado para dislexia aponta para a 'dificuldade da fala ou da dicção', específico da linguagem, de ordem congênita e hereditária. Não se trata de uma doença, mas sim de uma dificuldade na qual a capacidade da criança para ler e escrever fica abaixo do seu nível intelectual (FIGUEIRA, 2012; FONSECA, 2011; TELES, 2004).

Os sinais da dislexia podem surgir em maior ou menor amplitude, dependendo de fatores como idade e estimulação, e podem se

agravar durante o processo de desenvolvimento da criança. Esses sinais podem ser de histórico familiar, falta de atenção, atraso na aquisição da fala e da linguagem, demora na nomeação de objetos, atraso ou dificuldade no refinamento da coordenação motora para desenho e escrita, atraso no processo da alfabetização e na aprendizagem da matemática, falhas constantes de memória e movimentação errática dos olhos durante o processo da leitura (MARSILI, 2010).

Do ponto de vista comportamental, a dislexia distingue-se por dificuldades no reconhecimento correto de palavras e na capacidade de decodificá-las. Trata-se de um transtorno na aprendizagem para a leitura, e que nada tem a ver com falta de estímulo, inteligência, oportunidades socioculturais ou método de ensino (FIGUEIRA, 2012; FONSECA, 2011; TELES, 2004).

No ano de 1968, a Federação Mundial de Neurologia, definiu dislexia como cegueira verbal ou estrefossimbolia. Em 1994, a APA - Associação Americana de Psiquiatria incluiu a dislexia nos transtornos de aprendizagem e passou a utilizar a denominação 'Transtorno da Leitura' para nomear a dislexia do desenvolvimento. Já em 2003, a Associação Internacional de Dislexia adotou a definição de dislexia como sendo:

Uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou na fluência na leitura das palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de déficit fonológico, inesperado, em relação as outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (LYON; SHAYWITZ; SHAYWITZ, 2003 apud TELES, 2004, p. 714).

O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, 5.<sup>a</sup> edição (DSM-IV, 1995), utiliza alguns critérios para o diagnóstico do transtorno de leitura. Esses critérios devem ser analisados de acordo com o rendimento da leitura e devem ser medidos por testes padronizados, executados individualmente, já que a compreensão da leitura está

acentuadamente abaixo do nível esperado. Considera-se também, a idade cronológica, a inteligência medida e a escolaridade apropriada à idade do indivíduo. Se tal critério não for respeitado haverá uma interferência significativa no rendimento escolar e nas atividades cotidianas que exijam habilidade para a leitura. As dificuldades de leitura excedem quando está presente algum outro tipo de déficit sensorial que esteja a ela associada.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, 1995) estabelece os seguintes critérios para o diagnóstico de Transtorno de Leitura ou Dislexia:

[...] o rendimento da leitura, medido por testes padronizados, administrados individualmente, de correção ou compreensão da leitura, está acentuadamente abaixo do nível esperado, considerando a idade cronológica, a inteligência medida e a escolaridade apropriada à idade do indivíduo. A perturbação nesse critério interfere significativamente no rendimento escolar ou atividades da vida diária que exigem habilidades de leitura. A criança deve estar isenta de distúrbios sensoriais ou neurológicos (MANUAL..., 1995, p. 47).

## 2 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA DISLEXIA PARA A APRENDIZAGEM

Um dos muitos distúrbios de aprendizagem é a dislexia. Ela é caracterizada por uma limitação/ dificuldade na decodificação de palavras e códigos, e nada mais é do que uma carência no processo fonético. Ela pode se manifestar em diferentes contextos, como uma dificuldade de leitura, de escrita e de soletração.

Para discutirmos a dislexia no processo de alfabetização, é necessário, anteriormente, analisarmos como ocorre o processo de amadurecimento dos processos cognitivos da criança e de aquisição de leitura e escrita no ser humano. A aprendizagem é um processo complexo que requer competências mentais e psicomotoras, sendo necessário que o sujeito seja capaz de assimilar informações externas, realizar operações concretas e abstratas, exercitar procedimentos e estratégias para tirar melhor partido do que se conhece, motivação extrínseca e intrínseca, capacidade de tomar decisões e autonomia (GARCÍA; VEIGA, 2007). Assim, podemos concluir que a aprendizagem

Moura (2013, p.14) enfatiza ainda que detectar um distúrbio como a dislexia não é uma tarefa fácil, existem alguns sinais e sintomas que podem indicar a presença de tal distúrbio na criança desde cedo, mas, um diagnóstico preciso só é possível a partir do momento do processo da aquisição de leitura e da escrita “[...] Como o distúrbio é comprovadamente genético, pode-se afirmar que as crianças podem ser avaliadas a partir dos cinco anos de idade [...].”

Como existem diferentes níveis de dislexia (leve, agudo e moderado) não se pode estimar um tempo exato para a duração do acompanhamento profissional, o qual pode durar até 4 anos, em média. Tal acompanhamento não visa estabelecer uma cura para o distúrbio, já que não se trata de uma patologia, mas sim, fornecer subsídios para um tratamento eficaz, para que a criança disléxica possa desenvolver habilidades e capacidades cognitivas para lidar e entender suas limitações.

não se dá involuntariamente, mas através de interações sociais e mediações que propiciarão uma elaboração e modificação dos esquemas mentais.

Segundo Piaget (1936 apud GARCÍA; VEIGA, 2007), cada etapa ou estágio do desenvolvimento possui esquemas e estratégias próprios da idade no processo de aprendizagem. Já as funções, que são propriedades da atividade inteligente, estão presentes em todas as etapas, são elas: adaptação, organização, assimilação e acomodação. Para que o processo de aprendizagem ocorra, é necessário que a criança, primeiramente, assimile a informação, acomode-a em seu sistema cognitivo, para depois desorganizar e organizar novamente seus esquemas mentais, atribuindo à aprendizagem um significado válido.

A aquisição da leitura e da escrita é uma das aprendizagens mais importantes da vida de qualquer pessoa, pois ela é a chave que permite

o acesso a todas as outras aprendizagens. Ela está determinada, em todas as línguas, pelas diferenças individuais conscientes das crianças sobre as estruturas fonológicas (ZIEGLER; GOSWAMI, 2005).

A leitura envolve processos linguísticos, anatômicos e neuropsicológicos altamente complexos e requer que o sujeito faça inúmeras associações entre símbolos auditivos, símbolos visuais e significados (CIASCA; CAPELLINI; TONELLOTO, 2003). A leitura, que parece tão comum e fácil para quem já a prática, é um ato difícil para qualquer criança no processo de alfabetização, pois é dependente de vários processos neurológicos, psicológicos e socioambientais. Desta forma, qualquer alteração em um desses aspectos pode ocasionar prejuízos no processo de desenvolvimento cognitivo e aquisição da capacidade de ler e escrever.

As dificuldades de leitura e escrita estão ligadas diretamente a alguma falha em um desses processos, podendo ser de caráter visual e/ou auditivo, da fala e da linguagem, fatores emocionais, familiares e sociais ou ainda, pouca estimulação por parte dos professores e/ou programas escolares inadequados para o desenvolvimento da criança.

Os estudos de Sally Shaywitz (1999) foram fundamentais para identificar as três áreas cerebrais no hemisfério cerebral esquerdo que desempenham funções-chaves no processo de leitura: a região ínfero-frontal, a região parieto-temporal e a região occipito-temporal. A região ínfero-frontal, também chamada de área de Broca, é responsável pela parte motora da linguagem oral, onde se processa a vocalização e a articulação das palavras. A região parietal-temporal, também conhecida como área de Wernick, é responsável pela análise e compreensão das palavras faladas, realizando o processamento visual das formas das palavras, ou seja, o entendimento do que está sendo dito. A região occipital-temporal, onde está localizado o giro cingulado, é o local em que processamos o reconhecimento visual das palavras e onde é realizada a leitura rápida e automática do código escrito. As crianças com dislexia apresentam

uma disfunção no processamento fonológico e, conseqüentemente, na região occipital-temporal, o que dificulta a leitura automática e a compreensão da palavra falada. Em compensação, utilizam intensamente a região inferior-frontal e as áreas do hemisfério direito que fornecem pistas visuais.

Evans et al. (2013), fez um comparativo com a anatomia cerebral de indivíduos de ambos os sexos, com dislexia, e constatou que em comparação com as pessoas não disléxicas, há nos homens um volume menor de substância cinzenta nas áreas do cérebro que são utilizadas para o processamento da linguagem, no lobo temporal esquerdo. Nas mulheres, também foi constatado que há um menor volume, porém em um local diferente no cérebro, ou seja, nas áreas que envolvem o processamento sensorial e motor da linguagem. Segundo o autor, esta pesquisa apresentou importantes resultados para o entendimento da origem da dislexia e da relação entre linguagem e processamento sensorial.

Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras (MOURA, 2013, p. 13).

O cérebro da criança funciona perfeitamente, porém o desenvolvimento motor da criança disléxica ocorre de maneira diferenciada das outras crianças. Como observado por Chasty (apud STRAUSS, 2002), a criança que possui dislexia tem grande chance de apresentar dificuldades a cada fase, conforme aponta o Quadro 1.

**Quadro 1 – Probabilidade de dificuldades que podem surgir a cada fase da criança que apresenta dislexia.**

Fase	Probabilidade de:
18 meses	Apresentar dificuldades em estabelecer o controle motor na ação de andar.
24 meses	Pronunciar palavras/frases, pois a aquisição da fala, neste caso, ocorre de forma mais lenta.

Fonte: Chasty (apud STRAUSS, 2002).

**Quadro 1 – Probabilidade de dificuldades que podem surgir a cada fase da criança que apresenta dislexia (continua...).**

Fase	Probabilidade de:
3 anos	Mostrar algumas disfunções motores e complexidade para gerar e organizar alguns sons ao ponto de expressar palavras multissilábicas.
6 anos	Expor problemas em memorizar e lembrar de palavras e até de identificá-las ao fazer uma leitura.

Fonte: Chasty (apud STRAUSS, 2002).

Sobre os dados acima mencionados, Ianhez e Nico (2002) complementam afirmando que disléxicos podem manifestar dificuldades para a coordenação motora fina e grossa, no processamento auditivo, na coordenação visoespacial, discalculia, disgrafia, disnomia e na memória de curto prazo. Mousinho e Correa (apud MENDONÇA; MOUSINHO; CAPELLINI, 2009), compactuam da mesma opinião, quando afirmam que a dislexia afeta o processo cognitivo e o avanço da escolaridade, bem como as alterações que são apresentadas na escrita, tais como: atraso para alcançá-la, pronúncia errada e/ ou fala infantilizada.

A causa da dislexia ainda não está totalmente esclarecida, porém existem muitas pesquisas em andamento, principalmente nas áreas da genética, neurobiologia e neurociências para que se possa compreender como se dá este processo de aquisição e interpretação dos códigos de escrita e leitura pela pessoa que apresenta distúrbio de aprendizagem (CÂNDIDO, 2013).

Após muitos anos sendo estudada as possíveis causas da dislexia, hoje a teoria do déficit fonológico é a hipótese mais aceita pela grande maioria dos pesquisadores. De acordo com a teoria do déficit fonológico, “a dislexia é causada por um déficit no sistema de processamento fonológico motivado por uma disfunção no sistema neurológico cerebral, a nível de processamento fonológico” (ZEFFIRO; EDEN, 2000 apud TELES, 2004, p. 715). O disléxico apresenta dificuldade na discriminação e no processamento de sons de linguagem, na percepção da formação da palavra e de que a linguagem é formada por ela, e na descodificação (correspondência grafo

fonêmica) que é um dos processos cognitivos que integra a leitura. As ‘agitações’ na leitura podem estar localizadas em genes, sendo esta, então, a causa da transmissão genética entre gerações. Estudos mais recentes, sobre a genética e a dislexia demonstram que existem cinco localizações encontradas nos cromossomos (2p, 3p-q, 6p, 15q e 18p) que têm influência na expressão da formação das estruturas mentais responsáveis pelo processamento da leitura e da escrita (PENNINGTON, 2003).

É no ambiente escolar que a dislexia, de fato, irá aparecer, todavia há disléxicos que demonstram suas dificuldades em ambientes não escolares, porém nenhum deles se compara à escola, pois é nela que os conceitos necessários são permanentemente utilizados e valorizados. Sempre tivemos a presença de alunos disléxicos nas escolas, contudo as escolas ainda não estão totalmente preparadas para receber um aluno com tal distúrbio. Observa-se, com certa frequência, conteúdos, metodologias e avaliação preparados para alunos ditos ‘normais’, não prevendo nem mesmo uma dinâmica diferenciada aos alunos que apresentam dislexia ou outro problema.

E isso não acontece por acaso; por isso, muitos alunos com dislexia não sobrevivem à escola e acabam sendo preteridos. Os poucos que resistem a ela aprendem a conviver com os diferentes tratamentos. Fazem-no astuciosamente e corajosamente por meio de artifícios que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas baixas.

Mas, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, prevê que a escola deve “prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento” (Art. 12, parágrafo 5). Para tanto, poderá, com base na idade, nas competências, dentre outros critérios pré-estabelecidos pela instituição, para melhor atender os alunos com baixo rendimento, alternar períodos de estudos. Todo o processo de ensino e de aprendizagem na educação básica deve ser pensado e repensado com base numa “avaliação contínua e cumulativa, [...] com

a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período [...]” (Art. 12, parágrafo 5, alínea a).

Segundo o Instituto de Inclusão do Brasil, é possível propor aos espaços escolares, algumas dicas para minimizar os impactos negativos causados pela dislexia, tais como: provas escritas de caráter operatório, contendo questões objetivas e/ou dissertativas, realizadas individualmente e/ou em grupo, sem ou com consulta a qualquer fonte; provas orais, através de discurso ou arguições, realizadas individualmente ou em grupo, sem ou com consulta a qualquer fonte; testes; atividades práticas, tais como: trabalhos variados, produzidos e apresentados através de diferentes expressões e linguagens, envolvendo estudo, pesquisa, criatividade e experiências práticas realizadas individualmente ou em grupo, intra ou extraclasse; diários; fichas avaliativas; pareceres descritivos; observação de comportamento, tendo por base os valores e

as atitudes identificados nos objetivos da escola (solidariedade, participação, responsabilidade, disciplina e ética). Conforme avançam no aprendizado da leitura, as crianças dependem, cada vez mais, das tentativas de relacionarem as letras aos sons que ouvem.

Shaywitz afirma que “[...] a transição para a situação de boa leitura requer que a criança concentre sua atenção nos detalhes internos das palavras, nas letras específicas que as compõem e nos sons que elas representam” (SHAYWITZ, 2005, p. 90). Levando em consideração que os “[...] leitores disléxicos dependem muito do contexto, é difícil para eles entenderem a função gramatical de uma palavra funcional, cujo significado não pode ser inferido no contexto” (SHAYWITZ, 2005, p. 95). As palavras funcionais são tão neutras, que é difícil para a criança disléxica encontrar algum significado que a ajude a fixá-las e lembrar delas.

### 3 A AÇÃO DO PROFESSOR E DEMAIS PROFISSIONAIS NA MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM

Quando o professor recebe na sua classe um aluno disléxico, é necessário que ele saiba que sua dificuldade não tem nenhuma relação com desmotivação, falta de esforço, vontade ou interesse, nem sequer possui relação com qualquer deficiência sensorial. O disléxico, por vezes, consegue superar os ditos ‘normais’, porém necessitam de um tratamento diferenciado, uma vez que seu cérebro trabalha de forma diferenciada (FIGUEIRA, 2012).

O professor precisa ter serenidade, pois o tempo desse aluno é diferente dos demais, o seu fazer dentro de sala de aula acontece mais lentamente, pela dificuldade na visualização dos códigos não verbais (MARSILI, 2010).

O professor que é o profissional mais próximo, que comanda o processo de letramento, pode ajudar o aluno disléxico a vencer as suas dificuldades encorajando-o, explicando do que se trata a dislexia e quais são as medidas necessárias para que a aprendizagem aconteça, ou seja, que o aluno participe e colabore ativamente para que possa

superar as suas dificuldades, nunca desistindo, seguindo firme, sempre com perseverança, pois ele terá sempre o apoio pedagógico necessário. Para isto, é necessário um engajamento ativo de toda a equipe multidisciplinar que atua no espaço pedagógico.

Moura (2013) afirma ainda que, o orientador pedagógico também deve contribuir nesse processo, oferecendo a estas crianças, aos pais, responsáveis e professores a informação de que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e assim, é necessário dar oportunidades para que o aluno aprenda, usando estratégias fáceis e simples.

Já o psicopedagogo, nesse contexto, tem como papel essencial dar suporte para o pleno desenvolvimento do aluno para que consiga viver em sociedade. Suas contribuições acontecerão a partir de um olhar apurado e atencioso, e também da escuta minuciosa, analisando o ambiente para entender como se dá a relação professor-aluno no dia a dia, para conseguir detectar algum fator referente ao

processo de ensino e de aprendizagem que possa ser sinal de alerta, ou seja, diagnosticar para poder intervir ou contribuir para que o professor obtenha sucesso.

Segundo Garcia (1998 apud GARCIA et al., 2012, p. 5), o psicopedagogo possui uma formação específica, mais aprofundada do “que a de outros educadores em relação à fundamentação teórica das dificuldades de aprendizagem, a aceitação das novas ideias pragmáticas e funcionais da linguagem”, fator positivo, pois o problema nem sempre está centrado somente no aluno; as causas precisam ser investigadas minuciosamente.

Mas, para contribuir com a instituição e diretamente com o aluno, o psicopedagogo precisa intervir junto a família, também fazendo com que compreendam o disléxico e ofertando instrumentos para que desenvolvam as competências, valorizem o progresso. Esse trabalho em conjunto entre escola, família e psicopedagogo trará resultados significativos para o desenvolvimento da criança.

Enfim, o psicopedagogo tem que planejar o processo de intervenção para o desenvolvimento da criança. Após o diagnóstico, deve pensar nas estratégias de ação junto aos envolvidos, e organizar também uma intervenção real, parazerosa, relevante e profunda, que atenda as necessidades específicas de cada aluno. Por isso, precisa conhecê-lo e também aos envolvidos, para ter condições de inferir diretamente no problema e conseguir contribuir significativamente. Nesse processo, todas as ações devem ser proporcionadas para que o aluno tenha prazer, assim o caminho será menos árduo.

Para que se possa avaliar e diagnosticar a dislexia em uma criança, é necessário compreender que o disléxico não tem sua capacidade intelectual lesada, seu processo mais lento na aprendizagem se deve a problemas relacionados à capacidade cognitiva. Ainda, é preciso compreender as variáveis presentes nesse distúrbio.

Segundo o DSM-IV (APA, 1995), existem três tipos diferentes de dislexia: a dislexia disfonética ou fonológica, a dislexia diseidética e a dislexia mista. A dislexia disfonética ou

fonológica é caracterizada por uma dificuldade na leitura oral das palavras pouco familiares e conversão letra-som. Na dislexia diseidética, a desordem está em um problema de ordem visual, sendo o processo visual deficiente. Já na dislexia mista, podemos encontrar problemas dos dois tipos, tanto disfonéticos quanto diseidético.

A avaliação dos transtornos de aprendizagem deve ser realizada juntamente com uma equipe multiprofissional e de forma interdisciplinar, ou seja, com psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas e professores. É necessário que sejam aplicados testes que avaliem as competências fonológicas, a linguagem compreensiva e expressiva, o funcionamento intelectual, o processamento cognitivo e as aquisições escolares. Alguns sinais, como ortografia desastrosa por um longo período, confusão de palavras com pronúncia semelhante, discurso pouco fluente e desinteresse por atividades que envolvam leitura são sinais que possibilitam formular uma hipótese diagnóstica antes que a criança tenha iniciado o processo de alfabetização propriamente dito (TELES, 2004).

Uma avaliação e uma intervenção precoce são o segredo para o sucesso na alfabetização de crianças com dislexia, mas é necessário que sejam feitas de forma profissional e colaborativa entre professores e pais, para que os mesmos sejam orientados de como proceder com a criança disléxica.

São recomendadas para as crianças com dislexia, em idade escolar, que façam uma avaliação neurológica para averiguar a integridade funcional do Sistema Nervoso Central, e uma avaliação cognitiva, para avaliar em qual estágio do desenvolvimento a criança se encontra. No âmbito da intervenção, é recomendada à criança com dislexia fazer tratamento com um psicopedagogo a fim de encontrar outras formas de aprendizagem para que o aluno possa contornar suas dificuldades, com um fonoaudiólogo para trabalhar a questão fonológica da leitura, e com um psicólogo, para evitar que a dislexia traga possíveis prejuízos à autoestima, desmotivação e discriminação por

parte de outras crianças e profissionais da escola.

Fonseca (2011, p. 24) corrobora com o sistema pedagógico citando que:

Se a dificuldade não for detectada e equacionada adequadamente, o portador de dislexia, desencadeia um processo de conflituosidade que não se reflete apenas na escola, como também na família e no meio social. Deve-se, entretanto, criar estratégias a fim de fazer com que supere as dificuldades, adequando métodos e materiais, como parte de um processo de desenvolvimento linguístico que irá contribuir expressivamente para o crescimento de outros vários saberes.

Segundo o DSM-IV (1995), para o bom desempenho da criança na escola é necessário que sejam feitos alguns ajustes e algumas atividades diferenciadas para o bom progresso no desenvolvimento, tais como: dar tempo extra para completar as tarefas; oferecer ao aluno ajuda para fazer suas anotações; modificar trabalhos e pesquisas, segundo a necessidade do aluno; esclarecer ou simplificar instruções escritas, sublinhando ou destacado partes importantes para o aluno; reduzir a quantidade de texto a ser lido; bloquear estímulos externos (visuais, por exemplo), se o aluno tende a distrair-se com facilidade com os mesmos (MANUAL..., 1995).

Pode-se usar como recursos: cobrir esses estímulos (numa folha ou planilha por exemplo), aumentar o tamanho da fonte e/ou aumentar o espaçamento entre as linhas; destacar (com caneta apropriada) as informações essenciais em textos e livros, se o aluno tiver dificuldade em encontrá-las sozinho; proporcionar atividades práticas adicionais, uma vez que os materiais normalmente não as fornecem em número suficiente para crianças com dificuldade de aprendizagem. Tais práticas podem incluir exercícios práticos; jogos instrutivos, atividades de ensino em duplas, programas de computador; fornecer glossário dos conteúdos e guia para ajudar o aluno a compreender a leitura (MANUAL..., 1995).

Esse último tópico pode ser desenvolvido parágrafo a parágrafo, página a página ou por seção, ou ainda, usar dispositivo de gravação. Textos, livros, histórias e lições específicas

podem ser gravadas, assim o estudante pode reproduzir o áudio para esclarecer dúvidas e reforçar o seu aprendizado. O aluno pode, também, escutar e acompanhar as palavras impressas e, desta forma, melhorar sua habilidade de leitura; utilizar tecnologia assistiva e meios alternativos como tablets, leitores eletrônicos, dicionários, audiolivros, calculadoras, papéis quadriculados para atividades matemáticas. Alguns alunos têm dificuldade em seguir instruções e, assim, pode-se pedir que as repita com suas próprias palavras. Se estas tiverem várias etapas, pode-se dividi-las em subconjuntos, ou apresentá-las uma de cada vez.

Em relação à ação do professor referente à dislexia, Marsili (2010, p. 35) aconselha que:

[...] as crianças precisam ser ensinadas a soletrar as palavras para estarem conscientes dos sons que ouvem. Treiná-las para repetir palavras para si mesmas, enquanto ouve a ordem dos sons. O ensino precisa ser multissensorial e o aluno deve estar ativamente envolvido na tarefa.

Para fins de orientação geral, serão descritas a seguir algumas recomendações, que foram baseadas na proposta da Associação Brasileira de Dislexia (ABD):

- quando as orientações são dadas por escrito, deve-se certificar de que o aluno é capaz de ler e compreender as palavras e o significado das frases:

- manter rotinas diárias, pois muitos alunos com problemas de aprendizagem têm dificuldade em organizar-se com autonomia. É necessário fornecer uma cópia das notas de aula (ou esboço) para aqueles que têm dificuldade em realizá-la com autonomia;

- combinar informação verbal e visual e proporcionar organizador dos conteúdos ministrados;

- escrever pontos ou palavras-chave no quadro-negro antes de uma apresentação;

- equilibrar as apresentações orais, informações visuais e atividades participativas, o que inclui equilíbrio das atividades (em grupo, geral e individual);

- utilizar dispositivos mnemônicos para ajudar os alunos a se lembrarem de informações chave;

- enfatizar revisão diária.

- para aqueles que têm dificuldade de coordenação motora fina e/ou com a escrita manual, permitir diferentes modos de exposição do conteúdo (espaço extra para escrever, sintetizar conteúdos, atividades de múltipla escolha, exposição por meio de desenhos, respostas orais, etc.);

- posicionar o aluno próximo ao professor, longe de sons, pessoas ou materiais

que possam distraí-lo, principalmente aqueles que tenham problemas com a atenção;

- estimular e ensinar o uso de agendas, calendários e organizadores.

O importante é que o professor esteja sempre atento àquilo que o aluno realmente precisa e que oriente os pais da melhor maneira, para que eles possam auxiliar os filhos nas tarefas escolares. O trabalho pedagógico e a parceria com a família e com profissionais qualificados se dará com sucesso se o problema for detectado no tempo correto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a dislexia e todas as variáveis intrínsecas a ela, abrimos um precedente para que os profissionais de diversas áreas invistam em uma avaliação interdisciplinar e em uma intervenção eficaz, cada vez mais cedo, possibilitando à criança disléxica um bom desempenho escolar e um bom relacionamento social na escola. É fundamental salientar a professores, pais, monitores e orientadores que o processo de aquisição da leitura e da escrita é complexo e difícil a qualquer criança que esteja nos primeiros anos de ensino, assim, apresentar dificuldades na alfabetização não caracteriza necessariamente algum transtorno de aprendizagem.

Inadequação do método pedagógico, aspectos emocionais e influências socioambientais e culturais também podem causar atraso no processo de alfabetização, portanto, é de extrema importância avaliar o contexto em que a criança está inserida e sua história de vida. Ainda, ao diagnosticar a dislexia, ou qualquer outro transtorno, é imprescindível que seja realizado um trabalho de sensibilização para evitar que a criança seja rotulada e considerada incapaz para o seu processo de aprendizagem.

Cada vez mais, autores afirmam que cada criança tem o seu tempo de aprendizagem e que é necessário que este tempo seja respeitado e acompanhado cuidadosamente, sem

transformar a alfabetização num processo arbitrário e desmotivador para o aluno. Cabe ao professor ser mediador deste processo, proporcionando à criança um melhor aproveitamento de todos os seus recursos, e aos pais o conhecimento necessário para auxiliarem neste processo. Conhecer o contexto e a história de vida de cada criança, assim como suas dificuldades e potencialidades, é fundamental para que possa ser proporcionado ao aluno um ensino eficiente e de qualidade, independente se há ou não a existência de um transtorno de aprendizagem.

Pode-se evidenciar que o lúdico, as brincadeiras podem ser um instrumento de grande valia, pois podem proporcionar à criança disléxica uma busca agradável para superar suas dificuldades, buscando, assim, uma melhora em seu rendimento escolar, em seu desenvolvimento, criatividade e imaginação, sem contar autoestima.

Conclui-se com este estudo que a dislexia não é um problema irreversível, e que o psicopedagogo, assim como os demais corresponsáveis com a aprendizagem do aluno têm papel fundamental no processo de sua aprendizagem. Por outro lado, graças a constante evolução da ciência, como de estudos relacionados aos processos de ensino e de aprendizagem, é possível, hoje, compreendermos e inferirmos diretamente para que a dislexia seja diagnosticada, acompanhada

e tratada, mesmo que não se obtenha 100% de êxito. Todo progresso deve ser valorizado e comemorado.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 04 maio 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB: nº 9394/96**. Brasília, DF, 1996.

CÂNDIDO, E. da C. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2013. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ, 2013. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/T208833.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CHASTY, H. O que é Dislexia. In: STRAUSS, Levi. **Choque Linguístico - A Dislexia nas Várias Culturas**. Tradução Jorge Andrade Silva. Bruxelas: DyslexiaInternational – Tools and Technologies, 2002.

CIASCA, S. M; CAPELLINI, S. A.; TONELOTTO, J. M. de F. Distúrbios específicos de aprendizagem. cap. 3, p. 55-89. In: CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

EVANS, T. M. et al. **Sex-specific gray matter volume differences in females with developmental dyslexia**. 2013. Brain Structure and Function, DOI: 10.1007/s00429-013-0552-4. Acesso em: 5 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23625146>>. Disponível em: 28 mar. 2018.

FIGUEIRA, G. L. M. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. 2012. Artigo Científico (Especialização em Psicopedagogia) - Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N204682.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FONSECA, R. M. R. M. da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. 2011. Artigo Científico (Especialização em Psicopedagogia Institucional) - Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ, 2011. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/G200735.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2018.

GARCIA, Ana Carla de Mendonça et al. **Dislexia e Distúrbios da Leitura e da Escrita**. Revista Reuni

**Neuropedagogia**: Revista Eletrônica Unijales, Jales, p.1-10, 07, maio, 2012. Anual. Disponível em: <<http://www.unijales.edu.br/elejoufiles/download/id:58>>. Acesso em: 02 out. 2018.

GARCÍA, E. G; VEIGA, E. C. de. O construtivismo e as funções mentais. **Diálogo Educativo**, v. 7, n. 20, p. 91-102, Curitiba, 2007.

GIROTO, C. R. M. (Org.). **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Plexus, 2001. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fXPKQ-VVGH8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=info:3kwj7wE114wJ:scholar.google.com&ots=Kf19kKuS6A&sig=3eW1UzC3-nixYmr7H3zrntFIOxY&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fXPKQ-VVGH8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=info:3kwj7wE114wJ:scholar.google.com&ots=Kf19kKuS6A&sig=3eW1UzC3-nixYmr7H3zrntFIOxY&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 01 mar. 2018.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro, 2002.

LYON, G. R.; SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A. A Definition of Dyslexia. *Annals of Dyslexia*. **Annls of Dyslexia**. 53 (1), p. 1-14, 2003.

**MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-IV**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem**. 2010. Monografia (Especialização em Controladoria e Finanças) - Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/c205242.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MOURA, Suzana Paula Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. 2013. Monografia (Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica) – Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ, 2013. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205864.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MOUSINHO, R.; CORREA, J. O desenvolvimento do processo fonológico e da leitura do 1º ao 4º ano do ensino fundamental: implicações para a intervenção precoce. In: MENDONÇA, L.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Orgs.) **Dislexia**:

novos temas, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. Wak; 2009. p. 71-93.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PENNINGTON, B. F. Update on Genetics of Dyslexia and Comorbidity. **Annals of Dyslexia**. v.53, p.19-21, 2003.

PIAGET, J. **La naissance de l'intelligence chez l'enfant**. Delachaux et Niestlé. Paris, 1936. Tradução Maria Luísa Lima (Título em Português: O nascimento da inteligência em crianças). [1 ed. 1986]. 10. ed., 2010. Disponível em: <<http://dinterrondonia2010.pbworks.com/f/O+nascim+ento+da+intelig%C3%Aancia+na+crian%C3%A7a.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

SHAYWITZ, S. E. et al. Persistence of dyslexia: The Connecticut longitudinal study at adolescence. *Pediatrics*, 104, 1351–1359, 1999. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10585988>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Entendendo a dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: Mentres perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, D. G.; ROSE, J. C. De. Desenvolvendo programas individualizados para o ensino de leitura. **Acta Comportamental**, 14 (1), p. 77-98, 2016.

TELES P. Dislexia: Como identificar? Como intervir? **Revista Portuguesa Clínica Geral**, v.20, p.713-30, Portugal, 2004.

ZEFFIRO, T.; EDEN, G. The neural basis of developmental dyslexia. **Pubmed**, p. 8-14, 2000.

Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20563778>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ZIEGLER, J. C.; GOSWAMI, U. Reading acquisition, developmental dyslexia, and skilled reading across languages: A psycholinguistic grain size theory. **Psychological Bulletin**, 131 (1), 3–29, 2005.

ZORZI, J. L. Dislexia, distúrbios da leitura-escrita. In: MARQUEZAN et al. (Orgs). **Tópicos em Fonoaudiologia**. Lovise, p. 181-194, São Paulo, 1996.